

CINEMA



O novo DocLisboa

O programa vai ser dominado por uma retrospectiva integral da obra de Jean Rouch e começa dia 20

Texto Francisco Ferreira

O DocLisboa 2011, agora com uma nova direção liderada por Anna Glogowski (sucedeu a Sérgio Tréfaut nesse cargo), não alterou a sua estrutura de programação nem a base que fizeram deste festival um caso de enorme sucesso no panorama cultural português — ainda mais se pensarmos que, afinal, é a palavra 'documentário' (outrora metia medo ao susto) que aqui está em jogo. O novo festival está aí e dá seguimento ao caminho lançado no passado. Por exemplo, falando de retrospectivas, todos sabíamos que não seria fácil ultrapassar o imenso ciclo dedicado no ano passado a uma figura tutelar do documentário como Joris Ivens, cuja obra foi reavaliada em Lisboa, em 2010. A edição deste ano, contudo, 'responde' à anterior: desta vez, é o nome de Jean Rouch (1917-2004), autor de uma obra imensa e só parcialmente conhecida, que é chamado para o debate. Ligado desde sempre à

definição de cinema etnográfico, embora a tensão dos seus filmes ultrapasse qualquer baliza e qualquer gaveta, Rouch, que tinha um dom e uma capacidade natural de lidar com o elemento da voz *off*, filmou África como mais ninguém fez, em obras seminais como "Les Maîtres Fous" e "Moi, un Noir". Rouch é, por muitos motivos, um autor essencial para definir o raio de ação do documentário. Tal como disse Edgar Morin, que com Rouch assinou, em 1961, no arranque da Nouvelle Vague, esse sublime "Chronique d'Un Été", torna-se decisivo saber se "o cinema deve pretender dar a ver o real, ou antes colocar-se o problema do real". Nesta questão, esconde-se também outra que sempre acompanhou o cinema e o documentário em particular, relacionada com o que no cinema pode ser medido como verdade ou como mentira. Paralelamente, o Doc aposta ainda numa reavaliação do trabalho do alemão Harun Farocki que, tal como o festival nota, "é um arguto

observador dos mecanismos da 'sociedade de controlo', dos *media* e das lógicas do capitalismo, que vai constituindo um 'arquivo', no sentido em que o definiu Michel Foucault."

Tivemos já a oportunidade de salientar as qualidades de "Crazy Horse", o novo filme que o norte-americano Frederick Wiseman rodou no famoso cabaré de Paris, num dos seus trabalhos mais lúdicos. O cabaré é, à sua

"CRAZY HORSE", DE FREDERICK WISEMAN, INAUGURA O FESTIVAL. EM BAIXO, O DOCUMENTARISTA FRANCES JEAN ROUCH



medida, uma instituição e Wiseman há muito que as procura no seu estudo cinematográfico do comportamento humano. "Crazy Horse" vai inaugurar o Doc no dia 20, no Grande Auditório da Culturgest. O festival estende-se ainda a mais cinco locais lisboetas: Cinema Londres, Cinema São Jorge, Cinema City Campo Pequeno, Cinemateca Portuguesa e Teatro do Bairro, até dia 30.

Na Competição Internacional (junta médias e longas-metragens) que o presidente do júri Peter von Bagh avaliará (Bagh, também cineasta, deixou trabalho de respeito enquanto programador na cinemateca finlandesa) concorrem 14 filmes e, deste lote, não podemos deixar de sublinhar a presença do excelente "É na Terra não é na Lua", o *film fleuve* de três horas que Gonçalo Tocha rodou na ilha açoriana do Corvo — e trabalho já destacado nestas páginas a propósito da sua estreia em Locharno. O Doclisboa ficou certamente impressionado com o trabalho de Tocha pois convidou-o, salvo erro numa decisão inédita, a integrar a Competição Internacional (e é o único filme português nessas condições). Na Competição Nacional, descobrimos seis longas-metragens lusas e dez curtas.

O Doc mantém os programas "Investigações" e "Riscos" (esta última é mais uma vez programada pelo crítico Augusto M. Seabra), e volta a apostar na música com a secção "Heartbeat" (as atenções viram-se naturalmente para o recentíssimo "George Harrison: Living in the Material World", documentário que Scorsese ergueu em torno do *quiet beatle*). Porém, é o programa paralelo "Movimentos de Libertação em Moçambique, Angola e Guiné-Bissau (1961-1974)" que mais desperta a curiosidade. Trata-se de um extenso conjunto de filmes, selecionados após investigação aturada e quase todos inéditos em Portugal, rodados nas ex-colónias portuguesas em tempo de guerra. O festival, que vai finalmente mostrar em Portugal "This is Not a Film", do cineasta iraniano em cativo Jafar Panahi, concluir-se-á com mais um regresso a Portugal, o do norte-americano Ross McElwee que, como muitos sabem, passou parte da sua existência a documentar a sua própria vida e a transformá-la numa magnífica experiência de partilha. O novo Ross chama-se "Photographic Memory". **A**

(Mais informações em www.doclisboa.org)



DOCLISBOA